

A RECONFIGURAÇÃO DAS AULAS NO PERÍODO DE PANDEMIA: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DO PARANÁ – BRASIL

Glaucia da Silva Brito

Universidade Federal do Paraná - UFPR
glucia@ufpr.br

Marilene Santana dos Santos Garcia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP-TIDD
marilenessgarc@gmail.com

Felippie Anthonio Fediuk de Moraes

Universidade Federal do Paraná - UFPR
felippie.morais@gmail.com

Marlon de Campos Mateus

Universidade Federal do Paraná - UFPR
marlonmateus@ufpr.br

Resumo

Este artigo traz uma pesquisa realizada com professores e professoras que atuam na rede pública do Estado do Paraná - Brasil. Nossa questão de pesquisa baseou-se sobre quais fatores de impactos que os professores perceberam ao desenvolverem suas atividades em formato remoto no período de pandemia. Realizamos a pesquisa de natureza qualitativa com 218 professores por meio de questionário estruturado no *google forms* que teve como objetivo geral analisar as percepções dos professores em relação às atividades desenvolvidas no ensino remoto no primeiro semestre de 2020. Optamos por destacar e analisar para este artigo as percepções dos professores vinculadas a: aulas presenciais e aulas on-line e a necessidades de formação continuada. Concluímos que não só emergiram os impactos em relação aos componentes do entendimento de suas aulas presenciais e remotas, como também a necessidade de sua formação continuada. Os professores e professoras do Estado do Paraná, ao fazerem esforço para trilhar caminhos novos no referido período, tiveram consciência dos impactos referentes ao seu trabalho, como: a busca de qualidade, busca de equidade, valorização do ser humano, ponderação sobre



a melhor metodologia para usar as tecnologias, bem como a necessidade da criação de redes de diálogos na cibercultura.

Palavras-chave: Educação na pandemia; Ensino remoto; Formação continuada de professores; Reconfiguração da aula; Cibercultura.

Abstract

This article brings a research carried out with teachers who work in the public network of the State of Paraná - Brazil. Our research question was based on what impact factors teachers perceived when developing their activities in a remote format during the pandemic period. We carried out a qualitative research with 218 teachers through a structured questionnaire on google forms that had the general objective of analyzing the perceptions of teachers in relation to activities developed in remote education in the first semester of 2020. We chose to highlight and analyze for this article the teachers' perceptions linked to: face-to-face and online classes and the need for continuing education. We conclude that not only did the impacts emerge in relation to the components of the understanding of their face-to-face and remote classes, but also the need for their continued education. Teachers of the State of Paraná, when making an effort to follow new paths in that period, were aware of the impacts related to their work, such as: the search for quality, the search for equity, the valuation of the human being, consideration of the best methodology to use technologies, as well as the need to create networks of dialogues in cyberculture.

Keywords: Education in the pandemic; Remote teaching; Continuing teacher education; Class reconfiguration; Cyberculture.

Introdução

Educadores e instituições de ensino do mundo todo enfrentaram, a partir do primeiro semestre de 2020, inúmeros desafios emergenciais. Isso impactou os pressupostos sobre como pensar os modos de produzir educação, preparando cidadãos que possam protagonizar a dinâmica da vida em tempos de pandemia e prevendo o futuro.

As incertezas ficaram ainda maiores, desde as reflexões lançadas por Morin (2000) sobre esse tema no início deste século. Nessa abordagem com relação às incertezas, inumeradas entre os sete saberes na obra desse autor, constata-se um alerta sobre o fato de que por mais que se procure controlar o que venha ser o futuro, não se pode fugir do inesperado, pois o imprevisível sempre ocorrerá. Essa visão torna-se essencial no momento atual da educação, no que tange a formar cidadãos a partir do que se enxerga na realidade de hoje, apostando-se nas condições ainda desconhecidas sobre o amanhã.

“Assim tem acontecido em todas as etapas da história, o inesperado aconteceu e acontecerá, porque não temos futuro e não temos certeza nenhuma do futuro (...) Essa incerteza é uma incitação à coragem. A aventura humana não é previsível, mas o imprevisto não é totalmente desconhecido. Somente agora, se admite que não se conhece o destino da aventura humana. É necessário tomar consciência de que as futuras decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem” (Morin, 2000, p. 8).

A estas incertezas adicionou-se o diferencial da insegurança por conta das experiências vividas em torno da pandemia do COVID 19, comprometendo a saúde de todos mundialmente. Processos e práticas educacionais, em todas as suas camadas de representação social - o lugar escola - seus atores – e sua missão - têm se reconfigurado por conta de buscar soluções para grandes mudanças que ainda se anunciam. Trata-se de uma crise generalizada, sem tempo previsto para terminar, e que exige resiliência e esforços de todas as maneiras.

Quando nos reportamos à reconfiguração de práticas educacionais, estamos nos referindo a uma das leis da cibercultura criadas por Lemos (2003, p. 18):

“Uma primeira lei seria a lei da Reconfiguração. Devemos evitar a lógica da substituição ou do aniquilamento. Em várias expressões da cibercultura trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes”.

Práticas de segurança, saúde, família, mediações tecnológicas, metodologias de ensino e aprendizagem, qualidade da educação, reapropriação dos espaços de interação entre alunos e professores, remota ou presencialmente, preocupação com o



abandono da escola, falta de motivação, estresse do profissional da educação, entre outros aspectos, estão sendo rediscutidos e ocupam um espaço de destaque em meio a outras carências remanescentes no contexto educacional antes dos tempos de pandemia.

A escola pública brasileira¹ já enfrentava seus problemas conjunturais, estruturais e pedagógicos antes da pandemia, há que se lembrar disso. No caso presente, temos uma ampliação dessa situação por conta das condições inesperadas e de seus impactos na sociedade local e mundial.

Dessa maneira, realizamos um estudo que teve como objetivo analisar as percepções dos professores da rede pública de ensino do estado do Paraná – Brasil em relação às atividades desenvolvidas no ensino remoto no primeiro semestre de 2020. Com as escolas fechadas, planejamentos suspensos, revisão da condição do que é ensinar e aprender a viver no “novo normal”², o qual, na verdade, podemos entendê-lo como uma outra reconfiguração de vida na cibercultura, que adicionou novas preocupações e sentidos na formação de cidadãos.

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Professor, Escola e Tecnologias Educacionais - GEPPETE³, no qual seus integrantes realizam investigações, discussões e debates sobre os desafios atuais, tanto nas políticas públicas como nas práticas institucionais, que apontam a emergência do uso das tecnologias digitais na educação presencial e a distância, em todos os seus níveis.

Nesse estudo, percorrendo esses sentidos que se impuseram à educação por conta da pandemia, elaboramos um questionário aplicado a professores contactados via e-mail e grupos de comunicação instantânea. Os dados foram coletados por meio de um questionário composto por 14 questões, respondido na plataforma digital do formulário eletrônico (Google Formulários).

¹ Segundo o Censo Escolar (2019) a escola pública concentra 77% da totalidade das entidades escolares no Brasil. Isto representa o atendimento de 58 milhões de alunos, divididos em educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos. (INEP, 2019)

² O novo normal é uma expressão recém criada em torno das ações e expectativas após a fase de enfrentamento da pandemia. O novo normal seria a concepção que abrange um espaço de reflexão e de novas práticas sociais que ainda estão por se construir.

³ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/20462> Grupo GEPPETE

Do Presencial ao On-line no Estado do Paraná - Brasil

Tornam-se cada vez mais essenciais, no âmbito educacional, as buscas por metodologias, procedimentos e práticas que possam ser de fácil acesso, adaptabilidade, inclusivas e praticadas em sala de aula por professores e estudantes (Pereira, 2019). Essas buscas sempre ocorreram, antes, durante e continuarão ocorrendo pós pandemia, pois envolvem sua aplicabilidade em diferentes contextos educacionais, de forma a produzir mais aprofundamento, engajamento colaborativo, valorizando as diferentes opiniões, a autocrítica dos estudantes, além de alinhar interesses comuns, abrindo-se para a participação criativa com foco em metas pedagógicas.

Por meio do decreto nº 4.230/2020 que declarou situação de emergência em saúde no estado do Paraná - Brasil, foram determinadas e classificadas as atividades consideradas essenciais para a manutenção da vida humana, permitindo-se que alguns estabelecimentos desse perfil permanecessem abertos durante a pandemia. Nesse mesmo decreto, estabeleceu-se que as escolas adiantariam as férias de julho/2020, ocorridas nas duas últimas semanas do mês de março. Após essa parada, dar-se-ia o início das atividades de ensino remoto. No período de duas semanas de recesso escolar, a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Estado do Paraná (SEED-PR) desenvolveu seu programa de “ensino remoto”, que passaria a chamar-se “Aula Paraná”, solução vista como prática educacional para o não cancelamento do calendário escolar.

Sobre o ensino remoto, Moreira e Schlemmer (2020) afirmam que:

“O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais”.

Na modalidade do ensino remoto, “o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede” (Moreira e Schlemmer, 2020, p.9). E assim foi feito, pois o cancelamento e/ou suspensão do calendário escolar não aconteceria. A busca por meios, para que a rede estadual de educação pudesse dar continuidade às aulas, movimentou a comunidade



escolar, pois fazia-se necessário manter-se o distanciamento dos alunos, minimizando os impactos e riscos de infecção.

A SEED-PR lançou, então, no dia 06 de abril de 2020 o “Aula Paraná”, como solução de aulas não presenciais desenvolvidas para dar continuidade ao calendário escolar durante a pandemia. O programa foi construído visando ao suporte de cinco plataformas, desenvolvidas para atender aos estudantes e professores(as) de todas as realidades e níveis educacionais do Estado do Paraná. Nessa perspectiva, o “Aula Paraná” abrangeu: 1) a TV aberta; 2) o YouTube; 3) Google Classroom; 4) o aplicativo e 5) as trilhas de aprendizagem.

“Aula Paraná” na TV aberta

São três canais diferentes: o primeiro para os sextos e oitavos anos do Ensino Fundamental, o segundo para os sétimos e nonos anos e o terceiro para o Ensino Médio. Os três canais são digitais, gratuitos e de TV aberta (RIC Record), capazes de atingir todas as regiões do Estado, com 10,5 milhões de paranaenses.

Professores(as) foram selecionados por meio de credenciamento específico para a gravação das aulas, utilizando-se dos materiais disponíveis, com os quais fizeram a transposição da escola física para a escola na televisão. As aulas pela TV foram transmitidas em canais abertos, de segunda a sexta-feira, com horário e grade específicos para cada turma, compondo cinco aulas de 45 minutos para o Ensino Fundamental e 40 minutos para o Ensino Médio (Figura 1).



Figura 1 - Língua Portuguesa | 9º Ano | Aula 40 Disponível em: <<https://youtu.be/5jo5Sk7yzRA>>



Os professores foram solicitados a gravar suas aulas diretamente das salas de aula de uma escola da cidade de Curitiba, que contaram com a instalação de equipamentos de estúdio. O modelo de aula remota adotado foi o seguinte: os professores disponibilizam uma apresentação eletrônica (slides), na sequência explicam o conteúdo propondo exercícios de fixação em formato quiz, com o tempo cronometrado para os alunos participarem.

“Aula Paraná” no YouTube

O Canal “Aula Paraná”, no YouTube, seguiu a mesma grade fixa de transmissão da TV aberta. Conta hoje com 36,5 milhões de visualizações e 329,4 mil inscritos⁴. O modelo pedagógico adotado para as vídeoaulas foi seguinte: As aulas são transmitidas ao vivo diariamente em três links de transmissão. Após as transmissões, essas vídeoaulas são disponibilizadas permanentemente em *playlists*, organizadas por ano/série e disciplina, podendo ser acessadas a qualquer momento por estudantes, professores (as), gestores (as) e comunidade.

“Aula Paraná” no Google Classroom

A SEED-PR criou mais de 350 mil salas virtuais no Google Classroom, sendo uma sala por turma e disciplina, oferecendo aos(as) professores(as) total autonomia para criar as atividades relacionadas ao seu componente curricular ou disciplina e usar todos os aplicativos Google disponíveis, por exemplo: formulários, documentos, planilhas, Meet, entre outros.

As salas virtuais também recebem, diariamente, e de acordo com a grade fixa de transmissão das aulas, as atividades criadas pelos professores(as) que gravam as aulas do “Aula Paraná”. Essas atividades são replicadas por meio de robôs, que automatizam o processo buscando as atividades em mais de 150 turmas mestre/modelo (criadas especificamente para área técnica de produção de conteúdo) para turmas com estudantes e professores dos respectivos componentes curriculares e disciplinas.

Para recolher os dados e informações da movimentação de estudantes e professores nas salas, a SEED-PR desenvolveu um sistema de BI (*Business Intelligence*) específico. Até o momento, este processo contabiliza mais de 10 milhões

⁴ Dados extraídos do Canal Aula Paraná em 23/09/2020. Disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCfbFento2_mCEyUgeiwlmiQ/



de interações nos murais das turmas, mais 10 mil *meetings* diários entre estudantes e professores e mais de 4 milhões de atividades realizadas por dia.

“Aula Paraná” no aplicativo

Por meio do aplicativo “Aula Paraná” os estudantes podem, também, assistir às videoaulas ao vivo, sendo a mesma grade fixa de transmissão da TV e do YouTube. Podem acessar as salas virtuais no Google Classroom de forma gratuita. Isso significa que estes não consomem dados dos planos 3G e 4G e também podem acessar via celulares pré-pagos. O uso desse aplicativo já contabiliza mais de 930 mil downloads. Ele está disponível para celulares que utilizam o sistema Android (na loja Google Play) e iOS (na App Store). Para fazer login, o aluno deve colocar seu número do Cadastro Geral da Matrícula (CGM) no campo usuário e sua senha, que é a data de nascimento do estudante, no formato DDMMAAAA.

“Aula Paraná” em trilhas de aprendizagem

As trilhas de Aprendizagem foram projetadas para atender aos estudantes que não têm acesso às tecnologias digitais, como TV, computador, celular e Internet. Trazem os mesmos conteúdos previstos, no entanto, organizados de forma dialógica e autoinstrucional.

Dessa forma, as mesmas atividades postadas no Google Classroom foram diagramadas em sequência, com explicações detalhadas dos professores, e disponibilizadas em Drives específicos para os 32 Núcleos Regionais de Educação e para as 2.145 escolas da Rede, responsáveis pela logística de impressão e distribuição quinzenal desse material aos estudantes.

Formação continuada de professores

Para a formação continuada dos professores, algumas ações foram tomadas pela SEED-PR.

Historicamente entendida, para Bueno (2013, p. 37),

“a formação continuada de professores esteve sempre atrelada à atualização dos conhecimentos científicos, para que os currículos fossem adequados corretamente e repassados aos alunos. Simultaneamente a estas atualizações de nível conteudista, a formação continuada também tem atendido, ao longo da história, aos interesses políticos,



econômicos e ideológicos dos governos municipais, estaduais e federais, empresários e mercado global, conforme a influência de cada grupo nos sistemas de ensino”.

Neste momento de pandemia, no qual os professores viram a escola entrar em suas casas, fez-se urgente a proposição de soluções imediatas, principalmente aquelas que poderiam assegurar inclusão, equidade, satisfação e qualidade, garantindo aprendizagens ao longo da vida (UNESCO, 2016), pois o momento exigiu professores bem orientados, atualizados e que pudessem se apropriar de seu fazer criticamente.

As abordagens definidas pela SEED-PR para a formação continuada de professores(as), especificamente para este contexto, ocorreram por meio de duas ações principais: o Canal do Professor e o Grupo de Estudos Formadores em Ação.

O Canal do Professor é apresentado pela SEED-PR como uma metodologia de formação e comunicação on-line, que integra as ações do programa “Aula Paraná”. Está disponível no YouTube e conta com três webinars de formação por dia, em horários fixos, com *chats* ao vivo de comunicação entre professores (as) e técnicos (as) pedagógicos. Foi criado no mês de maio de 2020 e já conquistou ⁵34,3 mil inscritos. O Canal do Professor também está disponível no aplicativo “Aula Paraná”, no qual, além do *chat*, professores(as) também encontram tutoriais e podem assistir e participar, nos horários programados, dos webinars de formação.

A outra ação da SEED-PR, relacionada à formação continuada de professores, trata-se do Grupo de Estudos Formadores em Ação, cujo objetivo é o de capacitar professores (as) da rede e ressignificar suas práticas pedagógicas com o apoio das tecnologias digitais. Este curso, que atribui ao participante um certificado de 60 horas, nesse primeiro momento, destina-se a profissionais das áreas de Biologia, Ciências, Língua Portuguesa e Matemática. Segundo a Secretaria, os demais componentes curriculares serão atendidos posteriormente.

O Grupo de Estudo Formadores em Ação⁶ funciona com turmas constituídas por disciplina e por núcleos regionais, com um professor formador da mesma disciplina e cursistas já inscritos via processo próprio. São permitidos até 20 participantes em cada turma. Os conteúdos e as atividades são realizados no Google Classroom, por meio do qual o cursista e o formador poderão compartilhar suas metodologias e conteúdos,

⁵ Dados retirados do Canal do Professor - Formação Continuada SEED PR em 25/09/2020
<<https://www.youtube.com/c/DiretoriadeEduca%C3%A7%C3%A3oSeedPR>>

⁶ Mais informações disponíveis em: www.educacao.pr.gov.br



buscando adequar cada conteúdo a metodologias ativas, de forma a implementar em suas respectivas aulas.

A Pesquisa: Resultados e Análises

Pensando neste momento de excepcionalidade que estamos desde o mês de março de 2020, nós, integrantes do Grupo de Pesquisa Professor, Escola e Tecnologias (GEPPE), realizamos esta pesquisa por considerarmos essencial aprofundar a reflexão sobre as práticas de ensino remoto, que vêm ocorrendo no estado do Paraná-Brasil, visando a qualificar ações pedagógicas futuras. Foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Denzin e Lincoln (2005, *apud* Flick, 2009, p. 16), “é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o “mundo visível”, pois queremos dar visibilidade ao que os professores perceberam como impactos ao desenvolverem suas aulas em formato remoto. É o que denominamos de reconfiguração das aulas.

Realizamos a pesquisa com 218 professores(as), que responderam a um questionário estruturado disponível via *google forms*. Seu objetivo geral foi analisar as percepções dos professores em relação às atividades desenvolvidas no ensino remoto no primeiro semestre de 2020. O questionário foi composto por catorze questões, as quais abordaram aspectos como a formação dos professores, tempo de docência, prática pedagógica atrelada ao uso das tecnologias durante as aulas remotas e, por final, suas percepções deste processo ao qual estavam expostos. Este questionário buscou delinear um cenário, com base nas respostas dos professores, acerca das dificuldades, anseios, facilidades e expectativas frente a esse contexto de trabalho educacional.

As primeiras questões do questionário buscavam identificar o cenário o qual estávamos investigando, levantando informações quanto ao tempo de carreira, à formação dos professores, ao tipo de contrato e escola na qual lecionavam. Estas perguntas oportunizaram a delimitação do nosso campo de investigação aproximando-o do objetivo principal deste artigo. Dessa forma, para efeito do presente artigo, destacamos e analisamos as questões vinculadas a: Aulas presenciais e aulas remotas e as necessidades de formação continuada.



Quando você, como educador, viu-se em um contexto de pandemia e de reconfiguração das aulas presenciais para ambientes virtuais, o que mais lhe chamou a atenção?

Esta questão busca trazer a impressão inicial dos professores quando confrontados pelo novo contexto da pandemia e o afastamento das salas de aulas. Fator que os obrigou a migrar o fazer pedagógico presencial para o ambiente de ensino remoto, para atender às determinações da Secretaria Estadual de Educação. O respondente poderia assinalar mais de uma resposta, possibilitando delinear o cenário inicial em que este começou a se mobilizar para o ensino remoto. As respostas manifestadas pelos profissionais foram as seguintes:

- 61,1% responderam que tiveram que reorganizar o tempo, materiais e aprenderam a utilizar uma nova ferramenta para dar continuidade às aulas;
- 57,5% buscaram novas tecnologias para se comunicar com seus alunos;
- 47,1% tiveram de perguntar a outro profissional sobre o uso das tecnologias e como fazer durante o ensino remoto;
- 41,8% manifestaram que encararam a realidade de frente e já propuseram meios para dar continuidade às aulas por conta própria;
- 22,9% tiveram medo de encarar uma nova realidade;
- 16,1% declararam que tiveram muito medo diante desta realidade, precisando do auxílio de colegas para a realização das atividades;
- 16,1% se sentiram seguros com a nova realidade e, por consequência, deram início rapidamente às atividades remotas
- 0,4% para outras respostas como: fase de negação, busca por tutoriais, orações em busca de ajuda, problemas com a condução dos conteúdos e o aprendizado de novas habilidades, o reconhecimento como uma nova oportunidade no ensino remoto.

Na análise e interpretação dos dados, pôde-se constatar o interesse dos profissionais investigados na continuidade das práticas educativas, de forma que estes tomaram para si a responsabilidade para promover o ensino remoto. Mesmo diante de incertezas, medos, a falta de conhecimento acerca das tecnologias e meios necessários, os professores não se furtaram em buscar ajuda sobre meios de



aprendizado e viram nesse novo contexto a oportunidade de aprimoramento e efetivação do ensino mesmo que a distância.

Para você, o tempo de adaptação, desde receber a informação das aulas remotas e o início das atividades, foi?

Nesta questão, com a apresentação de opções para a resposta, buscou-se investigar a percepção dos profissionais sobre o tempo de preparação para o ensino remoto. Este tempo foi limitado ao período inicial de paralisação (20/03/2020) correspondente ao período de recesso escolar de junho, totalizando o total de 20 dias. O respondente poderia escolher somente uma dentre as três opções apresentadas. Foram levantados os seguintes resultados (Figura 2):

- 24% responderam “Suficiente”: consegui replanejar, já tinha ou adquiri as tecnologias necessárias e me sentia apto;
- 18% responderam “Pouco suficiente”: consegui replanejar partes ou preparar as atividades iniciais, já tinha ou adquiri o mínimo de tecnologias necessárias e me sentia preparado.
- 58% responderam “Insuficiente” – não houve tempo para replanejar, não tinha ou tinha parcialmente as tecnologias e não pude adquirir, me senti desconfortável.

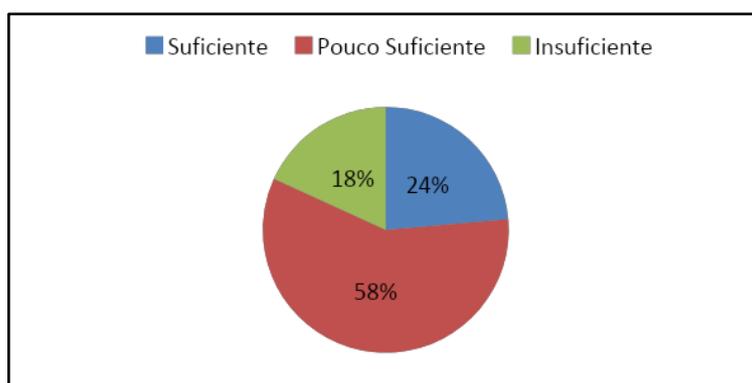


Figura 2 – Percepção dos professores acerca do tempo de preparação.

Destaca-se nessa pergunta a percepção dos professores entrevistados sobre o tempo de preparação para o início das aulas remotas. Em sua maioria, eles buscaram novas ferramentas para o desenvolvimento das suas aulas, pois seria necessário um maior tempo para aprender a como utilizar as tecnologias, replanejar suas aulas de

acordo com essas novas possibilidades e, assim, sentirem-se aptos a dar continuidade ao ano letivo.

Pode-se destacar que há uma aproximação entre o número de professores que se sentiram confortáveis e aptos com o tempo de preparação e aqueles que, mesmo com o tempo disponível, não conseguiram se adequar. Infere-se que a maioria dos professores se adequou dentro das suas possibilidades, seja metodologicamente, seja por conta dos recursos disponíveis, ou de acordo com suas habilidades. Eles tomaram para si a responsabilidade para a continuidade do ano letivo, porém não deixaram de dar sua voz crítica, de forma a achar as condições insuficientes - 58% dos respondentes assim se posicionaram.

Você já teve experiência com ensino remoto?

Esta questão busca conhecer a experiência dos pesquisados com o ensino remoto, se estes já haviam tido este tipo de experiência antes ou durante da pandemia, ou em ambas situações.

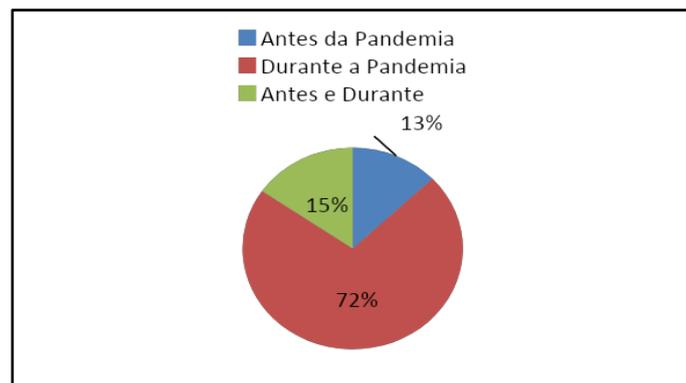


Figura 3 - Experiência com o ensino remoto.

Constata-se pela interpretação do gráfico da figura 3, que a grande maioria dos professores entrevistados, 72% deles, declarou não terem tido experiência alguma com o ensino remoto antes da pandemia. Esta constatação corrobora com as respostas anteriores que mostram a necessidade de adaptação dos profissionais, bem como a necessidade de orientação sobre o uso de ferramentas que pudessem apoiar este processo⁷.

⁷ De toda forma, ainda permanece a necessidade de se esclarecer o conceito de ensino remoto antes da pandemia, podendo se tornar um sinônimo de ensino híbrido, mistura entre o presencial ou à distância, ou mesmo ensino a distância propriamente dito.



Em termos de tecnologias, assinale aquelas que você como educador acessou neste período de pandemia para manter as aulas com seus alunos?

Esta pergunta visava a diagnosticar quais foram as ferramentas tecnológicas mais utilizadas durante o período de ensino remoto. O foco foi compreender as dinâmicas de interação, compartilhamento de conteúdos e comunicação, bem como letramento digital. Os respondentes poderiam assinalar mais de uma opção.

- 92,1% fizeram uso do *WhatsApp*;
- 77,5% fizeram uso do *Google Classroom*;
- 74,6% fizeram uso do *Google Meet*;
- 63,9% fizeram uso do *YouTube*;
- 45,4% fizeram uso do *Facebook*;
- 43,2% fizeram uso do *Google Drive*.

Interpretando-se o uso por 92% dos respondentes da ferramenta de comunicação instantânea do WhatsApp, constata-se a necessidade de alguma forma de interação mais direta e imediata, com letramento digital para tal domínio, como: compartilhar documentos, fotos, vídeos, mensagens de áudio e escritas, ampliando as possibilidades de construção colaborativa, bem como visando à construção da comunidade de aprendizagem. O *Google Classroom*, usado por 75% dos respondentes, destaca-se também por ser uma das opções de comunicação educacional de uso geral e já introduzida pelo “Aula Paraná” de ensino remoto.

O *Google Meet*, utilizado por 74,6% dos respondentes, oportuniza interações síncronas entre professores e estudantes, criando um ambiente próximo a sala de aula, mas que precisa ainda ser readaptado e reconfigurado para as novas relações de ensino e aprendizagem. O Youtube proporciona e busca e compartilhamento de conteúdos já disponíveis, bem como agiliza o processo de ensino do professor ao mesmo tempo em que exige uma maior preparação e estudo dos materiais disponíveis, aplicando-se um recurso de curadoria educacional. Nesse caso, o professor necessariamente teria de fazer uma curadoria de vídeos adequados à sua turma, não só em termos de busca de qualidade, quanto de atender à finalidade educacional.

As redes sociais certamente são os espaços virtuais mais familiares para muitos dos estudantes adolescentes, criando uma proximidade para e manutenção do aprendizado. O Google Drive é visto em seu aspecto mais operacional na construção de conteúdos colaborativos, bem como para o acompanhamento do professor das atividades dos alunos, realizadas em grupo ou individualmente, principalmente no compartilhamento e co-autoria de arquivos.

Como você entende atualmente sobre o que é uma aula frente ao momento do ensino remoto?

Ao propormos esta pergunta, objetivamos conhecer qual é a interpretação do conceito atual que a aula assumiu ou não para os professores frente à experiência da pandemia. Nesse caso, o olhar da pesquisa voltou-se para o que poderia ser a reconfiguração da aula.

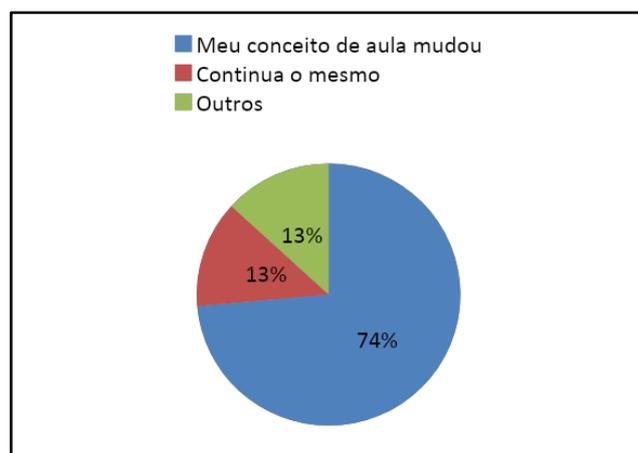


Figura 4 – Percepção do professor sobre o conceito de aula.

A análise da figura 4 permite-nos compreender que, no contexto de ensino remoto, o conceito de aula passou por uma mudança significativa, principalmente em relação à reconstrução de espaços físicos de temporais para a ação de ensinar, posto que 74% dos respondentes assumem que reconfiguraram sua forma de considerar a aula. Ao compreender as dinâmicas impostas e exigências que o ensino remoto demanda, os professores puderam adaptar-se e assim dar continuidade ao ano letivo e ao processo de ensino aprendizagem. Para 13% dos professores que mantiveram o mesmo conceito de aula, infere-se de se tratar dos 13% que tiveram experiências de ensino remoto antes da pandemia, segundo representado no gráfico da figura 3. Este fato, ainda deve exigir um aprofundamento sobre as especificidades desses



respondentes que têm esse conceito de aula, verificando-se a faixa etária dos alunos, disciplinas, nível de ensino entre outros aspectos.

Como você trabalhou a avaliação de seus alunos na fase do ensino remoto?

Com as mudanças ocorridas pelo ensino remoto, esta pergunta tem como objetivo saber como os professores entrevistados trabalharam a avaliação dentro do ensino remoto e se adaptações foram ou não feitas.

- 31,8% apontaram que o conceito de avaliação mudou, tendo mais transparência entre o professor e seus alunos;
- 27,9% apontaram que a avaliação continua da mesma maneira, apenas a distância;
- 13,6% dos professores afirmaram que faz a avaliação utilizando-se de outras formas, como projetos, rubricas, aprendizagem baseada em problemas;
- 10% não praticam qualquer forma de avaliação;
- 17,7% outras formas de avaliação (vídeo, conversas, portfólio).

A análise destes percentuais mostra-nos que a forma de avaliar tornou-se mais transparente, em função da maior interação e participação dos alunos durante o processo. Este ponto também poderá ser ainda aprofundado, em função das alterações que foram realizadas nos projetos pedagógicos e de aulas das disciplinas trabalhadas por esses educadores.

Se você tivesse de iniciar agora um programa que combinasse ensino presencial com o remoto, o que você iria fazer?

Temos como uma das premissas do nosso grupo de pesquisa o “escutar o professor”, pois não há ninguém que conheça melhor a sua turma, o andamento pedagógico, possibilidades e potenciais que o próprio professor. Esta pergunta visa a compreender a visão do professor na construção de um programa de ensino remoto, se este pudesse opinar e construir quais seriam os pontos mais relevantes. Os respondentes deveriam enumerar de 1 a 4, pela ordem de sua preferência, conforme dispõe o gráfico da figura 5:

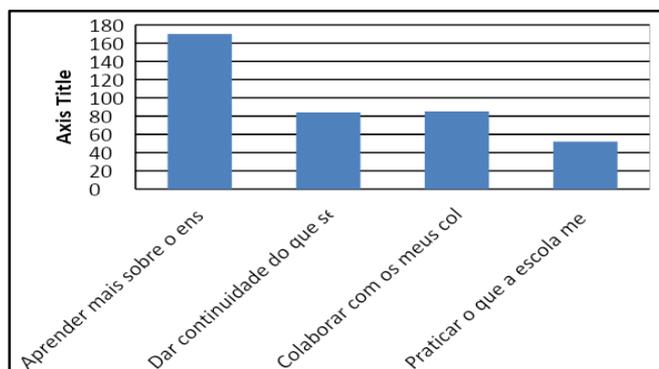


Figura 5 – Ouvindo o professor.

Pela análise da figura 5, infere-se que 170 professores, que representam 77,9%, buscariam um maior tempo para compreender, aprender e adquirir as habilidades necessárias para o ensino híbrido, aumentando assim a suas possibilidades de sucesso. Em consonância com constatação, para 85 dos entrevistados, que representam 38,9%, existe o interesse de colaboração entre esses profissionais na busca de metodologias que favoreçam a aprendizagem no ensino híbrido. Empatados com este conceito, 85 professores, que representam 38,9% deles, preferem a transposição da presencialidade para o ambiente virtual, de forma que possam dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem como se estivessem na sala de aula física. Por último, 52 professores, representando 23,8%, aceitam as normas e condutas estipuladas pela escola. Entretanto, pode-se constatar um movimento de maior transparência e interação entre os professores e estudantes, o que possibilita a adoção de metodologias ativas, que demandam mais responsabilidade e comprometimento dos estudantes.

O que você considerou que modificou em suas práticas atuais com o ensino remoto?

Nesta questão buscamos delimitar uma visão atualizada sobre a influência do ensino remoto nas práticas pedagógicas. Aqui o respondente foi orientado a assinalar a alternativa que apresentasse para ele a maior relevância.

- 37,1% disseram que têm menor receio em utilizar as tecnologias;
- 18,9% disseram que aumentou o receio no uso das tecnologias;
- 12,9% disseram que estão se sentindo mais próximos aos alunos;
- 31.1% outros.



Houve uma significativa melhora nos índices dos professores que se sentiram mais confortáveis com o uso das tecnologias dentro do fazer pedagógico. Se unirmos as duas questões, pode-se constatar que esse uso favorece a comunicação, para aproximar os professores dos estudantes. Contudo, esta percepção não se estende a todos, uma vez que o uso das tecnologias ainda causa temores em 18,9% dos professores entrevistados. Se analisarmos com base nas questões anteriores, entende-se que a falta de conhecimento, habilidades, ferramentas e a imposição são elementos que geram ainda desconforto e apreensão.

O que você gostaria que tivesse em um curso de formação para melhorar sua atuação na educação on-line?

Esta pergunta aberta oportunizou o diálogo e, conseqüentemente, levou a compreender o que falta dentro do processo de formação de professores no contexto da modalidade do ensino remoto. O tema mais relevante foi a formação continuada, principalmente quanto ao uso das tecnologias:

“Aprender com métodos tecnológicos da Educação”. (respondente A)

“Utilização dos meios disponíveis, pois os que estou usando no momento tive que aprender sozinha, não tivemos uma pré preparação para isso.” (respondente B)

Estas frases corroboram com os dados apresentados anteriormente, pois, para o bom desenvolvimento das atividades, faz-se necessário conhecer as ferramentas e suas potencialidades pedagógicas. Muitos professores questionaram a necessidade de formação com mais aprofundamento a respeito das metodologias que deveriam apoiar o uso das ferramentas tecnológicas. Nessa perspectiva, muitos manifestaram a preocupação com o acesso dos alunos a essas tecnologias e como motivá-los a continuar a estudar nesta modalidade:

“Como trabalhar com o nosso aluno a distância.”

“Como chamar a atenção dos alunos para participarem das aulas remotas. Como ser mais atrativo nas aulas.”

Esta relação entre alunos e professores foi apresentada, por várias vezes nas questões anteriores, trouxe a responsabilidade assumida pelo professor de manter o

seu aluno interessado e motivado a aprender. Essa função não está restrita apenas ao docente, pois a família tem a sua parte, assim como o estado e a escola. Oportunizar o acesso às ferramentas, melhorar os níveis de letramento digital, tanto de professores quanto dos estudantes, bem como melhorar as formas pedagógicas de como motivá-los, são alguns dos elementos que deveriam constar em um curso de formação de professores.

Considerações Finais

A presente pesquisa pôde concluir que os professores que participaram das ações implementadas pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Estado do Paraná (SEED-PR) para o ensino remoto e que responderam ao questionário proposto conseguiram se adaptar ao momento de pandemia, de forma a manter vivo, mesmo reconhecendo seus problemas e dificuldades, o processo de ensino e aprendizagem.

Verificou-se que muitas aprendizagens foram conquistadas, em torno desse processo de adaptação, principalmente no que diz respeito ao diálogo e interação com os alunos e seus colegas de escola e a vontade de ensinar da melhor maneira possível, com replanejamentos. Houve a participação nas propostas apresentadas pela TV aberta; YouTube; Google Classroom; aplicativos; trilhas de aprendizagem, além do programa de formação continuada, tanto pelo Canal do Professor, tanto pelo Grupo de estudos Formadores em Ação.

Verificou-se que nesse trajeto adaptativo, mesmo contextualizado pelo curto tempo para refletir ou se reprogramar, os professores conquistaram uma nova condição com mais alta autoestima. Nesse caso, foram proativos em muitas das situações em que se viram pressionados a buscar novas habilidades, a expandir competências, trocar informações e a questionar suas formas de agir frente à aula reconfigurada. Isso pode significar também um reconfigurar de atitudes, antes não vivenciadas, em tempo e espaços educacionais. Trata-se de uma emergente narrativa que valoriza a função docente, por mais que se amplifiquem esforços.

Os fatores de impacto, que os professores assimilaram ao desenvolverem suas atividades em formato remoto no período de pandemia, apontam para a construção de uma modalidade diferente de trabalho, a partir das dinâmicas impostas pelo uso de ferramentas e ressignificação de metodologias. Tal modalidade não deve ser confundida



com o conceito já formalizado da Educação a distância, que depende normalmente de uma ação educacional antecipada e programada, nem mesmo ainda com o ensino híbrido, que necessita de ações educacionais praticadas em sala de aula presencial e mediação tecnológica. Ainda há um percurso de reflexão e ação sobre esse aspecto.

Os educadores pesquisados também tiveram de se esforçar, para dar continuidade ao ano letivo e ao processo de ensino aprendizagem, tentando absorver tais mudanças, inovar, avaliar e melhorar suas metodologias de ensino.

Além disso, descobriram nesses percursos como reconfigurar as formas de avaliar seus alunos ou pelo menos deram espaço para refletir sobre seu significado. Nesse caso, a reflexão sobre o processo de avaliação pressupôs atitudes mais transparentes nas interações com os estudantes, uso de metodologias mais coerentes com o momento, com a adaptação de projetos, rubricas e aprendizagens baseadas em problemas reais.

Percebemos que os professores e professoras estão mais abertos e sensibilizados a realizar formação continuada para avançarem nas suas aulas, de forma a enfrentar o “novo normal”, o qual aparentemente trará novos desafios.

Entendemos que professores têm consciência dos impactos futuros referentes ao seu trabalho, como: a busca de qualidade, busca de equidade, valorização do ser humano, ponderação sobre a melhor metodologia para usar as tecnologias, entre outros aspectos já propagados pela UNESCO em diferentes ocasiões.

Por fim, os resultados da referida pesquisa assinalam que o enfrentamento imediato de problemas emergentes no campo educacional pelos professores, amparados por ações públicas do Estado, com adaptações metodológicas, novos letramentos e habilidades, bem como programas de formação continuada mediados por tecnologias acessíveis, promoveu um diferencial essencial para outras potenciais dificuldades. Assim, revisitando o que ponderou Edgar Morin (2000) sobre as incertezas presentes na realidade de formação dos cidadãos, absorve-se dessa experiência que as incertezas prenunciadas pelo futuro poderão ser tratadas com sentidos de adaptabilidade, apoios e resiliência.

A partir dos pressupostos de valores associados ao Grupo de pesquisa GEPPETE, entende-se que superada esta fase de surpresa, que foi a vivenciada no primeiro semestre de 2020, faz-se necessário que gestores, especialistas em educação a distância busquem formas de estabelecer novas convivências com esses desafios,



sejam eles recentes ou já conhecidos. Entende-se a necessidade de traçar um percurso de aproximações indissociáveis entre a escola e a realidade, escutando permanentemente alunos, seus professores e professoras e gestores educacionais.

Referências Bibliográficas

- Bueno, R. K. (2013). *Formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula: o que os professores querem*. Orientadora: Profa. Dra. Glaucia da Silva Brito. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2019*. Brasília: Inep. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 24/09/2020.
- Lemos, A.; Cunha, P. (2003). (Orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre; pp. 11-23.
- Moreira, J. A.; Schlemmer, E. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, V.20, 63438. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>. Acesso em 21/09/2020.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawara. Revisão técnica de Edgard A. Carvalho. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>. Acesso em 18 de setembro de 2020.
- Pereira, S. et al. (2019). *Estratégias de active learning para uma aula ativa*. In *Interacções*. Vol.14, número 52.
- Unesco (2016). *Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de Ação para a implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa de aprendizagem ao longo da vida*. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656_por. Acesso em 29 de setembro de 2019.